



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARIA CLEIDE FERNANDES BONIFÁCIO

**O ENSINO DE LEITURA NA ESCOLA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

CAJAZEIRAS - PB

2007

MARIA CLEIDE FERNANDES BONIFÁCIO

**O ENSINO DE LEITURA NA ESCOLA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria de Lourdes Campos.

CAJAZEIRAS - PB

2007



B715e Bonifácio, Maria Cleide Fernandes.
O ensino da leitura na escola: desafios e perspectivas /
Maria Cleide Fernandes Bonifácio.- Cajazeiras, 2007.
43f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2007.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Ensino de leitura - estratégias. 3.
Prática de ensino - leitura. I. Campos, Maria de Lourdes.
II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título

CDU 028

A Deus

Por ter me dado o dom de viver e pelas oportunidades que me foram dadas no decorrer de minha vida.

obrigada

AGRADECIMENTOS

A minha família

Meu ponto de referência, é a minha base, é o essencial para que eu tenha chegado aonde cheguei e para continuar minha caminhada me sentindo firme e confiante. Em especial ao meu avô que durante toda vida contribuiu muito para chegar aonde cheguei.

A todos os mestres

Por termos compartilhado saberes, saudades, momentos de alegria e apoio para levar adiante todos os embates e tempestades que atravessaram nossos caminhos. E em especial a minha orientadora Maria de Lourdes Campos pela sua paciência, pelo seu compromisso e principalmente por nos conduzir de maneira que pudéssemos descobrir nosso próprio potencial.

Quando levantamos hipóteses e vamos lendo, vamos compreendendo e, se não compreendemos, nos damos conta e podemos empreender as ações necessárias para resolver a situação. Por isso a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação. (Isabel Solé, 2000)

SUMÁRIO

RESUMO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. LEITURA: DESAFIOS E CONQUISTAS.....	9
2.1 Concepções de leitura.....	11
2.2 Funções da leitura.....	16
2.3 Estratégias de leitura.....	19
2.4 A leitura no contexto escolar.....	20
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	27
4.1 concepções e práticas dos professores no ensino da leitura.....	27
5. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO.....	32
5.1 Discurso, teoria e prática dos professores.....	32
6. CONCLUSÕES.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

RESUMO

O estudo da temática O ensino da leitura na escola: desafios e perspectivas teve como objetivo analisar as práticas de leitura desenvolvida pelos professores das séries iniciais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Celestino Gomes de Sá, possibilitando a ampliação de suas concepções, proporcionando-lhes uma reflexão sobre suas práticas pedagógicas com relação ao ensino da leitura. Para a realização dessa pesquisa, utilizou-se como instrumento o questionário guiados de temas como: concepções de leitura, a importância da leitura, os recursos utilizados para trabalhar a leitura, se desenvolvem alguma atividade de motivação antes de iniciar uma atividade de leitura, se os docentes encontram dificuldades no trabalho com a leitura. Os resultados mostram que as atividades de leitura aparecem como uma construção dos sentidos e não uma ambigüidade como faz a escola, quando coloca a criança em situações de interpretação de textos. Na verdade a leitura requer do aluno uma elucidação de sentidos, para que a aprendizagem não se resume apenas a repetição de texto que não condiz com a realidade dos alunos. Os professores vêem o ato de ler não apenas como a transformação dos signos lingüísticos, mas sim, pela função de comunicação que esse ato permite fato este que constatamos nos estudos com os professores.

Palavras-chave: Leitura, Formação, Educadores, Educandos

1. INTRODUÇÃO

A leitura representa para a sociedade contemporânea o que o fogo ou o machado representou para o homem primitivo, ou seja, um instrumento que facilita a vida, e mais, com a modernização e a tecnologia presente em tudo que nos cerca, a leitura tornou-se imprescindível visto a quantidade de informações que adquirimos no nosso dia-a-dia e que precisamos compreender se pretendemos ter uma visão mais ampla do mundo em que vivemos.

Ao iniciar o processo de aquisição da leitura, a criança deve ser levada a perceber sua utilidade, como também, reconhecê-la como necessária para sua vida e, desde cedo compreendê-la como o meio mais importante para aquisição de saberes, se constituindo num instrumento básico para o sistema educativo. Entretanto a atividade pedagógica não pode se limitar a ensinar a ler, é necessário estimular o aluno a criar o hábito pela leitura. A criança precisa ser estimulada desde cedo pela família, dando-lhe a oportunidade de manusear livros infantis e a partir daí familiarizar-se com sua forma e linguagem.

Os primeiros contatos da criança com os materiais escritos apresentados na escola, não devem ser de forma mecânica. Os professores são, neste momento, peças fundamentais para que a criança crie uma expectativa positiva com relação à leitura. Nessa perspectiva, as práticas de leitura desenvolvidas pelos professores em sala de aula, se constituem em requisitos básicos para a formação de bons leitores.

As práticas tradicionais do ensino da leitura há muito tempo vêm sendo discutidas e criticadas e, em contrapartida, atualmente, tem-se dado um destaque maior para o letramento, isto é, as concepções mais recentes apostam numa metodologia que insira o aluno no mundo da leitura antes mesmo dele decodificar a simbologia escrita, envolvendo-o num ambiente letrado e lhe oferecendo materiais escritos que façam parte do seu cotidiano e que representem algum significado para ele.

Essa metodologia pode levar o aluno a compreender o significado dos escritos mesmo sem lê-los e iniciar seu processo de aquisição da leitura porque foi instigado

pela curiosidade de compreender as coisas escritas do seu meio social, iniciando dessa forma o seu processo de letramento. Vale ressaltar que, para estar letrado é preciso saber ler, compreender e fazer uso dessa leitura.

Partindo desse pressuposto a leitura passa a se fazer necessária e se transforma numa atividade-meio que permite a comunicação e a relação com outros mundos; que norteia a conquista da conscientização e a autonomia necessária para o exercício pleno da cidadania.

O estudo dessa temática surgiu através de conversas com os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Celestino Gomes de Sá, onde foram relatadas as dificuldades dos alunos com relação ao processo de aquisição da leitura.

Ancorados numa concepção de que a leitura proporciona ao indivíduo a oportunidade de alargamento dos horizontes pessoais, culturais e profissionais e na perspectiva de contribuir para o ingresso do aluno no mundo da leitura, o estudo dessa temática tem como objetivos: 1) analisar as dificuldades de leitura vivenciadas pelos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental; 2) discutir as práticas de leitura desenvolvida pelos professores das séries iniciais, possibilitando a ampliação de suas concepções, proporcionando-lhes uma reflexão sobre suas práticas pedagógicas com relação ao ensino da leitura. Assim, almejamos com esse estudo, contribuir com a formação de leitores competentes, críticos e participativos, socialmente reconhecidos e valorizados. Portanto é importante compreender:

Quais as dificuldades de leitura vividas pelos alunos das séries iniciais?

Quais as práticas de leitura dos professores?

Neste estudo buscamos sempre um mesmo interlocutor, o professor, numa proposta de atualização deste profissional, na perspectiva de uma melhor atuação no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no que tange ao ensino da leitura.

O trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado "Leitura: desafios e conquistas" são traçadas as bases teóricas do estudo, abordando: concepções de leitura; funções da leitura; estratégias de leitura e a leitura no contexto

escolar. No segundo capítulo a metodologia, que apresenta o tipo de pesquisa, os instrumentos de coleta de informação e os sujeitos do estudo. No terceiro capítulo Análise dos dados sobre as práticas dos professores no ensino da leitura, “concepções e práticas”. No quarto capítulo, as atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado, “Discurso, teoria, e prática dos professores” e por fim as conclusões, onde apresentamos nossas considerações referentes ao período de estudo com os professores.

2. LEITURA: DESAFIOS E CONQUISTAS

A leitura desempenha um papel importante no cenário social, pois é através da linguagem que o ser humano consegue expressar-se, defender suas idéias, enfim, interagir com o outro, proporcionando ao leitor a compreensão do mundo adquirindo autonomia para posicionar-se criticamente com relação aos significados pré-existentes a sua existência e assim, provocar a dinâmica do conhecimento que está sempre em constante movimento de renovação. Esse processo culmina com a valorização da pluralidade cultural, a pluralidade de conhecimentos vinculados a valores, normas e visões de mundo.

Nesse sentido Silva (1991, p. 75) afirma que a leitura:

[...] é um processo ou prática social que permite à pessoa compreender a sua razão de ser no mundo, buscando incessantemente mais conhecimento sobre a realidade, seja observando diretamente a concretude do real, seja dando vida aos registros da cultura, expressos por meios de diferentes linguagens ou códigos.

Dessa forma percebe-se que, quem lê, amplia seus horizontes e conseqüentemente está mais aberto para todas as artes e ciências, pode-se dizer que a pessoa é cidadã do mundo e precisa capacitar-se para obter autonomia cultural e intelectual. A leitura é uma janela no tempo e no espaço, pois amplia horizontes e possibilita o fortalecimento de idéias e ações.

Ainda nessa perspectiva, comungamos com Soares (1998, p. 19), que declara:

A leitura tem um valor positivo absoluto: ela traz benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade como forma de lazer e de prazer, e aquisição de conhecimento e enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação.

Na visão de Silva (1996, p. 47) a leitura é importante para o crescimento do indivíduo e para a formação de sua personalidade e visão de mundo já que esta “possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem”.

As práticas pedagógicas tradicionais concebem o processo de aquisição da leitura como um ato mecânico de repetição e memorização de fonemas que lentamente se constituem em palavras, depois em frases e posteriormente em textos praticamente desprovidos de significados, enfatizando a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos. Se contrapondo a essa concepção nos apoiamos nas idéias de Goulart (1999, p. 109) quando diz que “[...] ler é muito mais do que decodificar. Ler e saber ler são aprendidos ao mesmo tempo, como um processo de construção de sentidos”.

Na compreensão de Foucambert (1994, p. 26), “jamais se chega ao significado de um texto pela soma dos sentidos das sucessivas palavras que o compõe”. Partindo desse pressuposto, compreendemos que ler é dar sentido as coisas de acordo com as nossas necessidades pessoais, é perceber e compreender o mundo que nos cerca atribuindo-lhe significados. A leitura mecânica das partes dificulta a compreensão do todo e deve ser substituída pela leitura compreensiva, pela leitura significativa que parte do todo para as partes.

As crianças aprendem desde o momento que vêm ao mundo. Uma criança aprende vendo e ouvindo conversas no seu convívio familiar, e assim vai fazendo suas próprias leituras de tudo o que vê e ouve. Se estimulada desde os primeiros anos à prática da leitura pela motivação dos pais ou quando tem a sua disposição materiais de leitura adequados ou interessantes à sua faixa etária, as probabilidades de se tornar um leitor serão muito maior.

Porém, é do nosso conhecimento que a maioria das crianças que ingressam nas escolas públicas brasileiras pertencem a famílias carentes, cujo contato com materiais escritos é restrito, dificultando com isso, o trabalho do professor que estará recebendo na escola uma criança que provavelmente sentirá mais dificuldade de compreender os

materiais escritos oferecidos pela escola do que uma criança que já mantém desde cedo um contato maior com a leitura e a escrita.

Compreendemos, no entanto, que mesmo vivendo em condições precárias a criança não deixa de desenvolver o seu processo de leitura que ela constrói segundo a sua realidade. Essa leitura precede a escolarização, e deve ser aproveitada e trabalhada pela escola facilitando a compreensão da criança quando esta iniciar o seu contato com os materiais escritos apresentados pela escola.

Considerando todos os obstáculos enfrentados pela criança antes de sua chegada à escola, como também, a necessidade de inseri-la na sociedade, como cidadã capaz de compreender o mundo se reconhecendo como parte dele, o papel da escola nesse momento inicial é de extrema relevância, devendo necessariamente, viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos com toda a sua riqueza de variedades, estimulando-o a enveredar pelos caminhos promissores da leitura, contribuindo para a formação de um leitor consciente, crítico e participativo, capaz de transformar a sua própria realidade.

2.1. Concepções de leitura

O estudo da temática Leitura está respaldado nas idéias de Cagliari (1995), Freire (1994), Foucambert (1994), Goulart (1999), Kleiman (1998), Martins (1994), Silva (1996), entre outros, se constituindo em instrumento norteador para uma melhor compreensão do processo de aquisição da leitura na escola.

Na trajetória dos estudos sobre leitura encontramos diversas concepções, algumas que comungam entre si e outras que divergem completamente. Martins (1994, p.23) coloca que “[...] ler significa inteirar-se do mundo sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ler pelos olhos de outrem”. Segundo essa concepção, a leitura é emancipatória, é através dela que passamos a perceber o mundo por nós mesmos, podendo inclusive intervir para transformá-lo, é através da leitura que compreendemos melhor as coisas que nos cercam.

Martins (1994, p. 41) discute também, as inúmeras concepções vigentes sobre leitura e as sintetiza em duas caracterizações:

- 1- Como decodificação de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2- Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

As duas caracterizações sobre leitura apontados por Martins apresentam um distancia considerável entre ambas. A primeira concebe o processo de aquisição da leitura como um ato mecânico, desprovido de significado. Tratado dessa forma a leitura perde o sentido, pois desarticula o saber sistematizado da realidade do aprendiz, subestimando suas capacidades, seus conceitos, reduzindo as oportunidades de criatividade, de formulação de hipóteses e de construção de um processo de leitura real com significado e utilidade social.

As concepções que se enquadram na segunda caracterização, demonstram um entendimento amplo e compreendem o aprendiz em seu todo, com desafios e oportunidades que exigem um esforço natural de compreensão do mundo nos seus mais variados aspectos. Aqui nós encontramos um processo que se constrói passo a passo e que objetiva a criticidade e a autonomia de quem aprende sabendo o que e por que está aprendendo.

A leitura é um processo de construção ativa de sentido e uma prática social que tem fundamental importância em toda a sociedade letrada. Por esse motivo, a escola deve ter como finalidade formar leitores competentes, capazes de agir ativamente no processo de interpretação de um texto e de usar socialmente a leitura.

O tipo de contato que o aluno estabelece com o material escrito é fator determinante para a sua formação de leitor. Por isso, ressaltamos a casa como o primeiro ambiente a despertar as crianças para a leitura. Essa tarefa, entretanto, não deve ser transferida para a escola tão logo essas crianças ingressem na vida escolar. O apoio familiar à leitura deve ser permanente.

Com uma concepção mais profunda e respaldada na teia das relações sociais em que o indivíduo está necessariamente envolvido, Soares (1998) afirma que “a leitura é a interação verbal entre indivíduos, indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros”.

Nessa visão, entendemos que a leitura não é um ato solitário e isolado dos problemas sociais. Sendo assim, a relação do leitor com o texto não acontece de forma linear. Na leitura o texto escrito está pronto, mas não os seus sentidos, nele estão apenas os elementos explícitos que o aluno vai decodificar, atribuindo, pela leitura, significados e sentidos. Também há elementos implícitos que dependem do indivíduo, de referências, pistas, índices pinçados no texto e que perpassam sua vivência, o lugar social que ocupa ligado à sua experiência individual e à relação que ele, como leitor, estabelece com o outro e com o mundo.

Numa perspectiva mais ampla ancorada na possibilidade de o próprio leitor ser capaz de se inserir no mundo da leitura na busca de respostas para suas próprias necessidades, Foucambert (1994: 5) afirma que:

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é[...] o ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos.

Compreendemos então que a leitura parte de uma relação natural do leitor com o texto, buscando uma interação que responda às suas necessidades mais imediatas no sentido de compreender determinado fato, de interpretar determinada mensagem, ampliando assim, seus conhecimentos e estabelecendo uma relação de entrosamento e satisfação.

O ato de ler não deve ser mecânico e decifratório, mas deve ir além, transcender os limites reais, perpassar pelo imaginário, estabelecer relações com os conhecimentos que já temos e assim, chegarmos a uma leitura do nosso jeito, complementada com as nossas experiências de vida e intensificada e lapidada com as informações colhidas

nos textos escritos. Esse intercâmbio promove o entusiasmo pela leitura, pela descoberta. É isso que caracteriza a formação de um leitor que sente prazer em ler.

Dessa forma, concordamos com Freire (1994, p. 8) quando afirma:

[...] a leitura da palavra é sempre procedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Antes mesmo de ler palavras e frases, o leitor já está lendo bem ou mal o mundo que o cerca, ou melhor, está inserido num processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler. Fato este, que ocorre bem antes da criança ir para a escola. Dessa forma, concordamos com Bamberger (1991, p. 92): "A leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela a vida a fora, através das influencias da atmosfera cultural e dos esforços conscientes da educação".

A leitura deve desenvolver principalmente a capacidade de percepção crítica, buscando a compreensão da realidade, questionando o que se deve ou se pode mudar, visto que o processo de leitura envolve todos os componentes políticos e socioculturais do leitor.

Compreendemos ainda, que a leitura apresenta-se como requisito necessário à realidade sócio-cultural do aluno e um instrumento de conscientização e transformação das estruturas de comunicação sociais e políticas.

Diante disso, Dias (2001, 42-43) enfatiza:

[...] Aprender a ler é um ato complexo, pois sua compreensão envolve vários eixos que incluem: o encontro de um leitor com o material escrito, a partir das estimulações do grupo social a que esse leitor pertence, das interações entre indivíduos e entre cada indivíduo e a coletividade.

Assim, para um bom desenvolvimento das práticas de leitura é essencial enfocarmos no processo de ensino da leitura trabalhos interdisciplinares, objetivando

vivenciar nas diversas áreas do conhecimento, subsídios que possam aflorar a expressão artística dos alunos, nas artes literárias (contos, poesia, dissertação, revista, cordel) no teatro, na dança, na música, enfim que se incorpore à leitura no cotidiano escolar, valorizando suas produções culturais, fruto de uma pesquisa instigante, prazerosa.

Pérez e Garcia (2002, p. 47), consideram que:

A escola é a instituição encarregada de oferecer o conhecimento público como ferramenta inestimável de análise para que cada aluno a questione, e reconstrua suas pré-concepções, seus interesses e atitudes, assim como as pautas de condutas introduzidas pelo contexto de seus intercâmbios e relações sociais.

De acordo com essa concepção, a prática da leitura na escola apresenta-se como um requisito necessário à realidade sócio-cultural do aluno, mecanismo suficiente para possibilitar a reflexão e para responder às questões que os indivíduos necessitam para compreender a realidade e, conseqüentemente, para fazer emergir uma transformação coletiva.

2.2. Funções da leitura

A leitura possui múltiplos valores em nossa cultura, entre eles, podemos destacar dois: a leitura como meio de ampliação de conhecimento e a leitura como possibilidade de melhorar as condições de vida.

Ainda hoje, se observa que a posse e o uso da escrita são privilégios das classes economicamente mais abastadas, o que acaba por determinar a utilização da sua norma lingüística, por ser a mais prestigiada socialmente. Para esse segmento da sociedade, a leitura possui um valor positivo, benéfico ao indivíduo e a sociedade como forma de lazer, prazer, enriquecimento cultural e ampliação de horizontes. Para as classes populares, a leitura funciona como instrumento para obter melhores condições de vida, ressaltando-se aí sua função utilitária.

Segundo Martins (1994: p. 25), "A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo". Neste sentido, a escola deve ajudar a criança a tornar-se leitor dos textos que circulam no social e não limita-la à leitura de um texto pedagógico destinado apenas a ensiná-la a ler. É preciso fazê-la compreender os escritos sociais para que ela compreenda os fatos que ocorrem na sociedade na qual está inserida.

Aprende-se a ler em qualquer idade, aprendizado este que continua ao longo da vida. A escola é um momento da formação do leitor, dessa forma, as instancias educativas precisam planejar formas organizadas de atrair a curiosidade do educando para que ele ingresse no mundo da leitura, a principio induzido pela escola, mas posteriormente pelo próprio desejo de ler, de conhecer, tornando-se um leitor independente, capaz de escolher seu próprio repertório de leitura.

A leitura é um instrumento de acesso à cultura e de aquisição de experiências pelo indivíduo nas suas relações com o mundo, através de suas percepções e vivencias específicas. Verifica-se, pois que a leitura é o instrumento necessário à compreensão do material escrito, também uma fonte de conscientização e transformação do conhecimento.

A função social da leitura é de uma grandiosidade impar. Infelizmente nem todos detém esse conhecimento e/ou habilidade, e certamente a sua falta deve causar transtornos constantes e mesmo a exclusão e marginalização social. O ideal seria que todos tivessem as mesmas oportunidades de acesso e permanência na escola e que o ensino da leitura se constituísse num momento de aproximação e integração dos indivíduos objetivando a equidade social. Assim, faz-se necessário colocar o pensamento de Silva (1996, p. 45), "ler é em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a compreensão registrada pela escrita e passa a compreender no mundo."

Portanto, a leitura é uma prática na qual o ser humano consegue expressar-se, defender suas idéias, enfim interagir com o outro. Ler é uma atividade viva e vital. Pois

como instrumento poderoso, permite repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento.

2.3. Estratégias de leitura

O processo de compreensão da leitura implica assim em construção do sentido do texto. Para tanto, o leitor necessita ativar a memória, ativação essa que está diretamente relacionada ao seu conhecimento prévio, que Solé (1998, p.15) assim descreve: "Toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de compreender e de aprender através da leitura depende fortemente daquilo que o leitor conhece e acredita *a priori*, ou seja, antes da leitura".

As estratégias de compreensão da leitura possibilitam a generalização de sua aplicação, ao mesmo tempo em que exigem a sua contextualização para que sua aplicação seja efetiva. Ademais, as estratégias requerem tanto consciência dos objetivos perseguidos como autocontrole em relação ao comportamento executado para o alcance do objetivo, avaliando-o, supervisionando-o ou modificando-o.

As estratégias de leitura são capacidades cognitivas de ordem mais elevada e intimamente ligadas à metacognição. Elas permitem uma atuação inteligente e planejada da atividade de leitura enquanto ações metacognitivas, (ações realizadas pelo leitor) permitem conhecer sobre o próprio conhecimento.

Como ressalta Solé (1998, p.70), esta afirmação traz contidas em si duas implicações: "As estratégias leitoras precisam ser ensinadas. As crianças não nascem sabendo utilizá-las: ensinam-se - ou não se ensinam - e se aprendem - ou não se aprendem".

O ensino de estratégias leitoras deve privilegiar o desenvolvimento de estratégias que possam ser generalizadas a outras situações e não se atenham a técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas. Deve-se ensinar com ênfase na capacidade de metacognição: avaliação, controle e flexibilidade de ações que podem ser mudadas em decorrência das situações de leitura. Isto implica dizer que

conhecer um vasto repertório de estratégias é menos importante do que saber utilizá-las. Conhecê-las não é o suficiente. A criança precisa saber mobilizá-las e utilizá-las em face da variedade de situações de leitura.

O ensino de estratégias de leitura, na ótica de Bamberger (1991, p.56) o entende, deve-se basear nessas idéias básicas:

Como um processo compartilhado, em que os papéis de professor e aluno revezam-se entre a *figura e o fundo do todo* que é a situação educativa. Neste tipo de concepção, nem o professor nem o aluno se apresentam como o *centro* do processo, mas como elementos indispensáveis do cenário educativo. A idéia de que o professor deve exercer uma função de guia ou orientador. Ele deve favorecer o estabelecimento do elo entre a construção individual pretendida pelo aluno e as construções socialmente estabelecidas, as quais são representadas pelos conteúdos escolares e objetivos específicos.

Diante disso, a autora defende que o *suporte* dado ao aluno-leitor deve ser realizado progressivamente, até que ele alcance mais autonomia e possa controlar sua própria aprendizagem. No entanto, o processo de interiorização desse ensino não é explicado. O que parece implícito na idéia de *bom ensino* apresentada pela autora é que a conquista da autonomia permite a verificação da interiorização, que é favorecida pelo modelo adulto e autônomo de leitura. Porém, o *como* a criança se apropria disto não fica evidente, questão, aliás, que ainda se mostra como um impasse dentro dos grandes sistemas teóricos da Psicologia que abordam o processo de aprendizagem.

Em contrapartida, Zilberman (1998, p.28) chama a atenção tanto para a importância da explicitação no ensino da leitura, como para a relevância do auxílio do professor no processo desse aprendizado quando afirma:

A criança precisa aprender que o leitor experiente se utiliza de estratégias que favorecem o controle e avaliação de sua compreensão leitora e, para que isto ocorra, é necessário que se diga o que precisa fazer, demonstrando para ela e fazendo com ela as atividades de leitura, até que não precise mais do auxílio do adulto.

Assim, o sucesso do procedimento de ensino recíproco pode ser atribuído, primeiramente, ao fato de o aprendiz ter acesso às estratégias utilizadas pelo leitor maduro, no momento em que este realiza a leitura, oferecendo ao primeiro um modelo eficiente de atuação frente ao texto. E em segundo lugar, por ser uma situação interativa, este tipo de procedimento permite que o aprendiz revele o seu nível de competência.

Todavia, a despeito deste conhecimento, que ressalta a importância do papel do significado na aprendizagem da linguagem escrita, ainda circula na escola a crença no treinamento de habilidades como requisito básico da alfabetização, havendo ou uma ênfase na utilidade futura da leitura e escrita como meios de ascensão social, ou uma desconsideração em relação ao seu uso nas atividades práticas do dia-a-dia.

Desse modo, Kramer (2001,p.26) argumenta:

Quanto à atuação do professor, esta tem esbarrado tanto na falta de condições objetivas de trabalho, como, por exemplo, a falta de material impresso ou a inexistência de circulação deste material dentro da escola, como na impossibilidade de tempo e espaço para a reflexão da prática e da realimentação desta a partir das discussões teóricas entre professores e outros profissionais da educação. O que se observa é uma prática orientada apenas pela experiência adquirida na formação inicial ou uma prática sem referencial teórico consistente.

Apesar da ampla produção de conhecimento sobre os processos de aprendizagem de leitura e escrita, o professor não tem tido muito acesso a este conhecimento ou esse acesso tem ocorrido de forma distorcida ou incompleta por meio de capacitações que tendem a uma informação em massa, nas quais ele exerce o papel de ouvinte passivo e de sujeito sem história.

Em meio a um modismo de teorias e métodos, o professor abandonou os seus antigos referenciais teórico-práticos, mesmo que inconscientes, sem substituí-los por outros capazes de atribuir consistência à sua prática e que lhe permitissem, por outro lado, desenvolver a consciência em relação ao seu importante papel na formação de leitores maduros, questionadores e críticos.

2.4. A leitura no contexto escolar

A escola tem como uma das funções proporcionar aos seus alunos condições para que estes tenham acesso ao conhecimento. Nesse contexto de criação e recriação do conhecimento, próprio da vida escolar, a leitura ocupa, sem dúvida alguma, um lugar de grande destaque.

Não é relativamente fácil superar as dificuldades de leitura na escola, torna-se um pouco mais difícil discutir as condições concretas de produção de leitura. A relevância e a necessidade do ato de ler para professores e alunos são irrefutáveis, porém, é necessário analisar criticamente as condições existentes e as formas pelas quais esse ato é vivido no contexto escolar. O discurso e o bom senso mostram que a leitura é importante no processo de escolarização das pessoas, porém, os recursos reais (condições precárias do ambiente de trabalho, ausência de bibliotecas nas escolas, má remuneração dos professores etc.) para a prática da leitura na escola podem, entretanto, contrapor-se àquele discurso.

Desse modo Chartier (1999,p.41) afirma:

O caráter livresco do ensino e as formas autoritárias através dos quais os livros são apresentados em sala de aula, tendem a contribuir com a docilização dos estudantes, gerando a falsa crença de que tudo que está escrito ou impresso é necessariamente verdadeiro.

Os processos de desenvolvimento dos conteúdos através de utilização de textos ou apostilas impedem que o leitor se torne sujeito do trabalho que executa. Na opinião de Freire (1985, p. 12), essa prática se configura como "educação bancária". O professor passa para o aluno um conjunto de informações apenas para encher a cabeça do aluno. Daí a passividade, o amortecimento da crítica e da criatividade, o consumo mecânico e não significativo das idéias propostas nos textos, etc.

A leitura de textos, tomada como fins em si mesmos, em função da mistificação daquilo que está escrito, gera uma outra conseqüência nefasta para a formação do leitor. Se um texto, quando trabalhado não proporcionar um salto de qualidade, no

sentido de ampliar sua visão de mundo, tanto no aspecto social, quanto no cotidiano do leitor, a leitura perde a sua validade.

Partindo desse ponto de vista, concordamos com Lajolo (1994,p.25) quando argumenta: "Na leitura onde não existe compreensão de idéias, será melhor uma mera reprodução de palavras ou trechos veiculados pelo autor do texto. Infelizmente, essa modalidade de leitura é uma prática constante nas escolas brasileiras". Sem dúvida, a busca do conhecimento pode e deve ser mediada pela leitura de determinados textos, porém, o ato pedagógico exige muito mais do que isto.

Segundo Silva (1991,p.52):

A formação e manutenção de bibliotecas escolares ainda não se transformaram em preocupação política na realidade educacional. Além disso, são poucos os professores que visitam a biblioteca para conhecer os seus recursos e tentar um trabalho integrado com os bibliotecários. Essa prática seria um meio de colaborar com os alunos para a investigação de determinados assuntos.

O caráter propedêutico do ensino brasileiro conjugado ao fenômeno da transferência de responsabilidade repasse da aprendizagem real dos alunos para a série seguinte ou grau constituem o cerne daquelas expectativas, fazendo com o que o professor de uma determinada série pressuponha a existência de habilidades pré-adquiridas pela turma em séries anteriores.

Nesse sentido, Lajolo (1994,p.16) afirma que "muitas das reclamações dos professores, do aluno que chega às suas mãos sem pré-requisitos, são frutos de radical apego ao programa pré-estabelecido. O aluno tem que seguir em frente apesar das dificuldades encontradas."

Os alunos, numa situação de desespero, principalmente por sentirem-se incapazes de realizarem as tarefas propostas, desmotivam-se, aparecendo como resultado a repetência e a evasão escolar. Surge também o "pacto da mentira": os alunos fingem que leram e compreenderam os textos e os professores fingem que acreditam. Daí a importância de eliminar os "letores" e formar os "leitores", tão necessários a nossa sociedade brasileira.

Nesse contexto Soares (1998, p.48) destaca que “mostrar o valor da leitura aos educandos não é uma tarefa difícil, pois esse processo, bem estruturado, com supervisores e/ou bibliotecários, significa uma possibilidade de repensar o real pela compreensão mais profunda dos aspectos que o compõem.”

No ensino, não basta discutir ou teorizar o valor da leitura. É preciso construir e levar a prática que a leitura venha a ser cada vez mais sedimentada na vida do educando. Ler é um ato libertador. Quanto maior vontade consciente de liberdade, maior terá que ser o índice de leitura.

O professor brasileiro, dado a sua condição financeira, também é carente de leitura. A falta de uma capacitação no incentivo a leitura bloqueia os momentos para leitura. Além disso, o salário não é suficiente para comprar livros e enriquecer o seu intelecto.

No plano familiar, verifica-se a influência de uma estrutura social onde impera o utilitarismo, o consumismo e a alienação. A troca social de informações é preenchida com o uso de televisão, vitrine de moda e conceitos de filmes.

De acordo com Silva (1991, p.56), “a crise do livro e da leitura no Brasil é uma característica normal dentro da classe trabalhadora. Essa disfunção na área de leitura, em verdade cumpre uma função muito clara, a de bloquear o crescimento e a emancipação do povo.”

Neste sentido, a ignorância do povo, mais particularmente, dos que pertencem às classes populares tem servido para a ascensão de muitos políticos que praticam a teoria do “pão e circo para as massas”, o conhecimento não precisa fazer parte da vida dessas pessoas, apenas o necessário para garantir-lhes o poder .

A falta do hábito da leitura nos brasileiros pode estar ancorada num sistema de ensino falido, baseado numa educação passiva , previamente planejada para o domínio de uns e a obediência de outros. Felizmente, muitos estudos na área de leitura tem despertado a curiosidade e o interesse de muitos educadores que estão fazendo a diferença nas escolas do Brasil.

Portanto, para fazer do Brasil um país de leitores e de cidadãos plenos, é necessário um bom desenvolvimento das práticas de leitura na escola, estendendo-se pela comunidade extra-escolar. É essencial focar no processo de ensino da leitura trabalhos interdisciplinares, objetivando a vivência nas diversas áreas do conhecimento, se constituindo em subsídios que possam aflorar a expressão artística dos alunos, nas artes literárias (conto, poesia, dissertação, revista, cordel), no teatro, na dança, na música, enfim, que se incorpore à leitura no cotidiano escolar e comunitário e, sobretudo, que se valorize as produções artístico-culturais de todos que compõe a comunidade escolar. Essa é uma forma de gostar de ler e de ensinar a ler de forma prazerosa.

3. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

O presente trabalho intitulado "O ensino da leitura na escola: desafios e perspectivas" nos oportunizou realizar questionamentos, reflexões e discussões referentes à temática com os professores da Escola Municipal Ensino Fundamental Celestino Gomes de Sá, na cidade de São Jose da Lagoa Tapada – Paraíba. A fim de atingir os seguintes objetivos:

- Analisar as dificuldades de leitura vivenciadas pelos alunos nas series iniciais do ensino fundamental;
- Discutir as práticas de leitura desenvolvida pelos professores das series iniciais do ensino fundamental.

Para alcançar nossos objetivos estabelecemos um possível percurso: identificar as dificuldades de leitura dos alunos e dos professores; refletir sobre as práticas de leitura desenvolvidas em sala de aula; reconhecer as abordagens teóricas nas quais se enquadram as práticas de leitura dos professores; apresentar subsídios para reflexão sobre o processo de aquisição de leitura dos alunos e; contribuir para que os educadores adotem uma prática pedagógica que vá de encontro as necessidades reais do educando no que se refere ao processo de aquisição da leitura.

Para a realização deste trabalho, optamos por um estudo de caráter exploratório, que na visão de Gonçalves (2001, p. 65), "se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado." Desse modo, consolidamos nossos primeiros contatos com o fenômeno a ser pesquisado e que posteriormente servirão de base para um maior aprofundamento sobre a temática em estudo.

Utilizamos os métodos quantitativos e qualitativos. O método quantitativo, segundo Richardson (1999, p. 70), "representa, em principio, a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação, possibilitando,

conseqüentemente, uma margem de segurança quanto as inferências”, dessa forma, se constitui em excelente subsidio para analisarmos o problema com mais precisão.

O método qualitativo, de acordo com Gonçalves (2001, p. 68), “preocupa-se coma compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão as suas práticas”, assim, a aproximação entre pesquisador e universo pesquisado possibilita trabalhar os processos significativos que regem determinados seres, tais como: crenças, valores, costumes e concepções.

Com relação ao instrumento utilizado para a coleta dos dados, optamos pelo questionário cujas funções principais, de acordo com Richardson (1999, p. 189) são: “descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social”, constituindo –se num instrumento adequado e de fácil decodificação, como também, proporciona comparações com outros dados relacionados ao tema.

Após a etapa de levantamentos de dados realizamos a análise do material coletado com base nas afirmações dos professores e fundamentado nas concepções dos autores estudados. O nosso propósito foi oportunizar momentos de discussão e reflexão para um melhor direcionamento das atividades referente às suas práticas metodológicas em sala de aula.

As atividades foram desenvolvidas através apresentação e discussão de textos baseados no referencial teórico com o intuito de refletir e ampliar o conhecimento dos professores sobre a temática e assim, contribuir para a efetivação de uma prática pedagógica coerente com as necessidades dos alunos.

3.1 Caracterização da escola

A Escola Municipal de Ensino Fundamental “Celestino Gomes de Sá”, localiza-se no Bairro Celestino, no Município de São Jose da Lagoa Tapada – PB. Recebeu esse nome numa homenagem prestada pelos moradores do bairro ao doador do terreno onde a escola foi construída em 1973.

Fisicamente é uma escola pequena, com três salas de aula, uma construída recentemente (2006), secretaria, cantina, dispensa, pátio, banheiros e uma área descoberta cercada por muros. Em termos de equipamentos, possui apenas um mimeógrafo a álcool, uma estante com livros desatualizados e revistas utilizados para leitura e recortes, material de consumo e manutenção (papel ofício, stencil, cartolinas etc).

Quanto aos recursos humanos, a escola conta com cinco professoras, destas, apenas duas tem curso superior, uma formada em Pedagogia e outra em Geografia, as demais possuem apenas o curso normal. Há também uma diretora, duas auxiliares de secretaria, duas merendeiras e quatro zeladoras.

O planejamento acontece quinzenalmente com os supervisores pedagógicos que atendem a todos os professores das séries iniciais do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino. Na oportunidade, os professores recebem subsídios teórico-práticos para o trabalho em sala de aula, além de dividirem suas experiências com os demais.

A clientela atendida pela escola (80 alunos), é composta em sua grande maioria por filhos de agricultores cuja renda, geralmente é inferior a um salário mínimo. O bairro é pobre e carente na área de saneamento básico, sendo o problema de abastecimento de água o mais grave. Os moradores passam dias sem receberem água em suas torneiras, problema este que afeta diretamente a escola quando a merenda e o consumo próprio da água, sendo necessário algumas vezes, o interrompimento das aulas.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Concepções e práticas dos professores no ensino da leitura

Nesse item do trabalho apresentaremos a análise dos dados obtidos junto aos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Celestino Gomes de Sá, situada na cidade de São José da Lagoa Tapada-PB, através do questionário.

Com relação à aos dados pessoais e formação escolar, 100% dos professores entrevistados têm entre 24 e 30 anos. No que se refere à formação a maior parte dos professores (75%) possui formação em nível médio em curso pedagógico, os (25%) possui formação em nível superior em curso de pedagogia. No que diz respeito ao tempo de atuação no magistério 50% atuam a 09 anos e 50% atuam como professor a 02 anos.

Ao iniciar a análise dos dados coletados na questão que traz a seguinte pergunta: **o que você entende por leitura?** Os professores de um modo geral responderam que a leitura é um instrumento poderoso que permite ao ser humano repensar as coisas que acontece no mundo e reorganizar o próprio pensamento. Partindo disso a professora (3) ressalta: "Ler é indagar a realidade para compreendê-la melhor, é assumir uma postura crítica frente ao que se diz e o que se quer dizer". Essa afirmação indica a leitura é o maior conhecimento que o indivíduo pode adquirir na vida. Através dela podemos compreender e transformar o meio em que vivemos. É um processo de descoberta pela qual buscamos o saber profundo para a atividade de assimilação do conhecimento, de interiorização e de reflexão.

Nessa perspectiva Sole e Coll (2001, p. 21) expõe que:

Ler é ampliar horizontes, é abrir possibilidades... É interagir com o mundo que nos rodeia: conhecer lugares, pessoas, culturas. É viajar, dar asas ao imaginário, mergulhar no mundo interior, conectando-nos com nosso potencial. Através da leitura você, adquire conhecimentos e amplia seu jeito de estar no mundo e nas relações.

Questionados sobre a **importância da leitura**, (75%) dos professores afirmam que a leitura é importante porque amplia os horizontes e possibilita o fortalecimento de idéias e ações. Assim, ressalta a professora (2) “a leitura é uma atividade capaz de mudar o indivíduo e suas relações com o mundo, oferecendo a possibilidade de transformações coletivas”. Isso implica dizer que leitura é um processo pelo qual o indivíduo desenvolve seu pensamento, linguagem e sua capacidade de refletir, criticar, transformando os conhecimentos adquiridos em experiências para o seu dia-a-dia.

Nesse sentido Pérez (2002, p. 48) afirma que: “A leitura é a mola propulsora na libertação do pensamento e possibilita desencadear reflexões e desenvolver ações para melhoria da cidadania e desenvolvimento do ser humano”.

Ao serem indagados **se o professor gosta de ler**, (100%) dos professores entrevistados afirmam que gostam de ler. Ressaltaram também a leitura proporciona o repensar e o aprimoramento de idéias. Nesse enfoque, a professora (4) argumenta: “Ao ler, o indivíduo constrói os seus próprios significados, elabora suas próprias questões e reelabora as suas próprias idéias”. Isso implica que a leitura permite a construção de pontos de vista e de uma visão de mundo, oportuniza a compreensão e recompreensão da realidade e, conseqüentemente, para fazer emergir uma transformação coletiva.

Dessa maneira, Abreu (2001, p.12) afirma: “A leitura é um instrumento do pensamento reflexivo e só o contato com ela pode favorecer o desenvolvimento de um pensamento abstrato, complexo e de natureza diferenciada daquele permitido pela linguagem escrita”.

Questionados **quantos e quais livros você leu este ano**, 50% responderam que não havia lido nenhum livro e os outros 50% leu apenas um livro. O professor deve ser o grande motivador para despertar no aluno o gosto pela leitura, o prazer de ler. Desde a entonação que dá ao texto, dando vida as palavras, aos depoimentos dos livros que leu e que recomenda. Sabemos das dificuldades que se colocam diante do dia a dia do professor: tempo limitado, salários aviltados, os compromissos com registros escolares. Porém, é inevitável para o profissional se abster de mais conhecimentos, de mais informações. E são os livros, principalmente, seu maior

instrumento de trabalho para que se efetivem práticas condizentes com as necessidades da formação de um leitor crítico e atuante dentro e fora da escola.

Nesse contexto, Torres (2002, p. 61) reforça este pensamento quando diz: "Se o professor (...) não for um leitor apaixonado, considerando esta atividade como uma prática indispensável para sua formação e de seus alunos torna-se difícil realizar um trabalho proveitoso nesse sentido."

No que se refere à questão **se seus alunos gostam de ler**, a maioria dos professores (75%) responderam que sim. Ainda em relação a esta questão os docentes consideraram que a maioria dos alunos vêem a leitura como um meio de conhecer o mundo e aprimorar os conhecimentos. Podemos observar isso no depoimento da professora (4) quando ressalta "sempre que sugiro algum tipo de leitura eles estão sempre a interagir e, dessa forma, trabalhar coletivamente, pois eles entendem que a leitura é algo que os ajudam a entender melhor o mundo, traz muitas informações e faz refletir sobre a vida". Percebemos que o significado da leitura ultrapassa o sentido de percebê-la puramente como decodificadora de sinais, o ato de ler é visto como algo que proporciona uma série de razões práticas, como a capacidade de pensar e argumentar, uma ação que possibilita a formação integral do indivíduo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais reforçam que: "Deve reconhecer que a leitura favorece a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada". (2007, p. 41)

Na questão que traz o seguinte questionamento, **quantas vezes por semana você desenvolve atividades de leitura com seus alunos**. (75%) dos professores responderam que desenvolvem diariamente atividades de leitura. Ao refletirmos essas concepções percebemos que a forma como a leitura é enfatizada pelos professores mostra-nos que a prática diária da leitura oportuniza aos alunos a ampliação do seu universo vocabular e a contextualização, inferindo posicionamentos, reelaborando saberes a partir dos já acumulados. Certamente, terão mais segurança em desvendar leituras e aprender novos conhecimentos, frente aos desafios que o mundo atual exige.

Nesse sentido, argumenta Rangel (2000, p.80):

Ler é uma prática básica, essencial para aprender. Nada substitui a leitura, mesmo numa época de proliferação dos recursos audiovisuais e da informática. A leitura é parte essencial do trabalho, do empenho, de perseverança, da dedicação em aprender.

No que se refere **aos recursos utilizados para trabalhar a leitura em sala de aula**, a maioria dos professores (75%) consideram o livro didático e a leitura oral e escrita, como recurso principal a ser utilizado para a efetivação do processo ensino-aprendizagem. Essa asserção torna patente a idéia de que o livro didático é um recurso importante na prática educativa, por constituir-se, muitas vezes, no único material escrito disponível na sala de aula e conseqüentemente na vida das crianças da classe trabalhadora. Fato esse que empobrece a relação aluno com a leitura, pois a sala de aula deve ser o lugar privilegiado, onde os educandos entrem em contato com textos diversos e compreendam suas características.

Quando questionados **se desenvolvem alguma atividade de motivação antes de iniciar uma atividade de leitura**, (75%) responderam que sim. Com relação a esta questão os professores argumentaram que trabalhar com gravuras que se relacionam ao texto, proporciona o conhecimento dos alunos nas diversas áreas bem como aflora a expressão artística dos alunos, nas artes literárias (contos, poesia, dissertação, revista, cordel) no teatro, na dança, na música, enfim incorpora a leitura no cotidiano escolar, valorizando suas produções culturais, fruto de uma pesquisa instigante e prazerosa. Isso indica que ler leva ao gosto, ao prazer, ao vício, e ninguém melhor que o professor para fazer o papel de orientador, do contador de histórias, do aliciador que encaminha o aluno no mundo das letras e das palavras, mundo extraordinário e causador de prazer indescritível.

Partindo disso Alves e Leal (2001, p. 41) reforça este conceito quando ressalta:

Ler é quase comentar um texto; é sublinhar, com a voz, as palavras essenciais... É ainda se colocar em harmonia com os sentimentos que o autor exprime entregá-los e comunicá-los em torno de si: um sorriso, uma voz emocionada, olhos em que se podem ver lágrimas despontando, tudo isso é um comentário que dura longamente. Uma fisionomia fala tanto quanto a voz.

Indagados sobre a questão que trata **se os docentes encontram dificuldades no trabalho com a leitura**, todos os professores (100%) questionados responderam que sim, ressaltando também que uma das maiores dificuldades no trabalho com a leitura está no espaço apropriado para o incentivo da leitura. Essa asserção indica que repensar a motivação para o ato de ler nesse sentido, é quase impossível, pois como estimular alguém a ler sem o espaço propício e sem um acervo de livros que adeque ao educando acontecimentos da atualidade e uma diversidade de leituras complementares. Nesse momento, podemos dizer que recuperar a prática da leitura na escola e trazer para dentro dela o prazer de ler, favorecendo espaços de leitura e intercâmbios no meio escolar, proporciona aos alunos um repensar sobre a leitura em suas vidas e o que ela representa a sua formação profissional e humana.

Sobre esta temática Lopes (2000, p. 54) aborda que: “Ser capaz de ler é também saber caminhar pelas trilhas imaginárias das bibliotecas do mundo inteiro, é conhecer as afinidades entre os estilos e escritores, é principalmente, ter informações acerca das obras e seus atores.”

Percebemos com os discursos dos professores questionados que a prática de ensino por eles abordada está voltada para a questão da formação de um educando voltado para uma aprendizagem na qual o aluno seja um indivíduo ativo e participativo. Desse modo, o ato de ler pode torna-se um momento de satisfação, pois a leitura é um instrumento de ações transformadoras que permite uma compreensão dos fatos, levando o leitor a refletir sobre o seu papel na sociedade, ou seja, interagindo com o mundo de forma crítica e reflexiva.

5. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO

5.1 Discurso, teoria e prática dos professores

Nesse item do trabalho apresentaremos a análise dos dados dos discursos dos professores sobre as suas práticas proferidas nos encontros de estágio.

No primeiro encontro tivemos a oportunidade de debater diversos assuntos, dentre eles o texto **“O que é leitura”** de **Maria Helena Martins**. Com relação a essa questão (75%) professores afirmaram que a leitura é um ato de contribuição decisiva para formar seres pensantes, pois a prática da leitura desenvolve a reflexão, é fonte inesgotável para construção da compreensão de si e do mundo, propicia o crescimento interior, leva-nos a viver as mais diferentes emoções, favorecendo o repensar e o agir. Desse modo ressalta a professora (03) **“A leitura é um processo de contínuo aprendizado, proporciona ao educando o espírito crítico, preparando-se para sua autonomia como ser pensante, que sabe discernir e fazer opção, enfim, um pleno cidadão”**. Essa afirmação indica que, quem lê, amplia seus horizontes e conseqüentemente está mais aberto para todas as artes e ciências, pode-se dizer que a pessoa é cidadã do mundo e precisa capacitar-se para obter autonomia cultural e intelectual. E a leitura é uma janela no tempo e no espaço, pois amplia horizontes e possibilita o fortalecimento de idéias e ações.

Partindo disso, Perez e Garcia (2002, p.49) declara:

Ler é interpretar e compreender ativa e criticamente uma mensagem por meio de um processo dialógico, indo de encontro com a experiência, às idéias prévias e o conhecimento do leitor, bem como com as informações proporcionadas pelo texto e pelo contexto em que este processo é realizado.

No desenvolvimento de nossas atividades, discutimos o texto de **Freire**, **“Reflexões sobre a prática da leitura”**, os professores (100%) consideraram que o domínio do processo de leitura é um dos meios que permitem ao indivíduo interagir

socialmente, bem como habilitar-se para construir seu próprio conhecimento, sua própria percepção da realidade. De acordo com o que diz a professora (01) “a leitura sempre se apresenta intencionalmente como algo mágico, como processo de descoberta de um universo desconhecido e maravilhoso”. Nesse sentido, a leitura assume função essencial para a formação da cidadania, por sua característica dinâmica, tanto no processo de ensino-aprendizagem – como instrumento de permanente formação intelectual do indivíduo, quanto, como prática social consubstanciada na inter-relação leitor e autor, mediada pelo texto, o que implica diferentes repertórios culturais, códigos lingüísticos, interpretações e reflexões sobre a realidade, propiciando alienação ou conscientização.

Partindo disso, Kramer (2001, p. 24) afirma:

A leitura compreende e interpreta a realidade, torna-a lógica e significativa para o conjunto de indivíduos. Compreendendo, analisando e interpretando todas as dimensões da realidade, torna possível a interação e a organização social pela existência de significados culturalmente compartilhados.

No que se refere as discussões baseadas nas idéias de Kleiman no texto “**Leitura e aprendizagem**”, (100%) dos professores concebem a leitura um procedimento necessário a aprendizagem, um meio de atuação no desenvolvimento do conhecimento, de interação constante entre o sabe escolar e os saberes socialmente adquiridos. Desse modo, a professora (04) afirma: “a leitura possibilita a aquisição de diferentes aprendizagens, aumentando o repertório de conhecimento com outros ramos de saberes”. Assim, a leitura se coloca como um meio mais eficaz e fundamental de acesso à informação, já que oferece a possibilidade de escolha e de liberdade face aos caminhos apresentados. Ao ler, o indivíduo constrói os seus próprios significados, elabora suas próprias questões e rejeita, confirma e/ou reelabora as suas próprias respostas.

Nas palavras de Soares (2002, p.56) a leitura é uma prática absolutamente essencial:

A leitura e a aprendizagem se constituem mutuamente. Por isso que a leitura é essencial - uma vez ensinado esse instrumental para os alunos, eles terão a possibilidade de continuar aprendendo, de acordo com os seus próprios objetivos, interesses, ritmos de aprendizagem.

No decorrer das atividades, tivemos a oportunidade de estudar o texto de **Costa**, que trata da **importância que tem a leitura no processo de formação do cidadão**. A respeito desta questão, os professores (75%) afirmaram que a leitura é um mecanismo suficiente para possibilitar a reflexão e para responder às questões que os indivíduos necessitam para se compreender e compreender a realidade e, conseqüentemente, para fazer emergir uma transformação coletiva. Dessa forma ressalta a professora (03) “A leitura é um dos meios mais eficazes na formação de leitores conscientes de seu papel no meio social”. Essa afirmação ressalta a idéia de que a leitura, é entendida como uma atividade social e reflexiva, pois dessa forma, propicia uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita, mostrando-se como um desafio para qualquer processo de democratização e mudança social coletiva.

Nessa perspectiva Kleiman (2001, p.32) defende que:

O ensino da leitura na escola deve propiciar ao aluno a variedade de texto, onde o aprendiz possa estar em contato com os mais diversos tipos de textos sociais dos quais precisa e se utiliza no cotidiano, e no qual o único pré-requisito para este aprendizado seja a capacidade de questionar sobre as coisas do mundo.

Baseado nas perspectivas das idéias de **Maria Helena Martins** no texto “**Professor: um mediador**”, a maioria dos docentes (75%) afirmou que o professor deve despertar a liderança, o espírito criativo em seus alunos, possibilitando o desenvolvimento social e providencia modificações que proporcionem formas mais eficiente de enfrentar as mais diferentes situações. Com isso ressalta a professora (02) “o professor deverá acompanhar os avanços de seus alunos, diagnosticando suas falhas, alimentando as discussões, com materiais e textos e, até mesmo, impondo limites, quando necessário”. Isso não faz do professor, porém, o detentor absoluto do conhecimento, a quem cabe tomar todas as decisões. Dependerá ainda dele a criação

e o fortalecimento de um ambiente cordial e afetivo, de vínculos que possibilitem a tomada de decisões conjuntas, ou seja, entre professor e alunos. E o professor como mediador do conhecimento tem a liberdade de escolher as obras didáticas para seus alunos em função do conhecimento que tem dos livros, da escola e dos alunos.

Na visão de Rangel (2000, p.78):

O atendimento ao espírito criador do educando favorece também o desenvolvimento da sua personalidade e a explicitação de todas as suas potencialidades inatas. Fazer com que o aluno seja livre para pensar e tenha possibilidades de desembaraçar-se perante uma questão, para não ser levado a aceitar ou assumir atitudes que não sejam fruto de sua própria decisão, é dever do educador que oferece oportunidades para o aluno se desenvolver, ser criativo e crítico.

Discutimos também as concepções de **Ezequiel Teodoro da Silva** no texto “**A leitura no contexto escolar**”. No que refere a esta questão os docentes (100%) afirmaram que cabe a escola ser estimuladora de leituras, não podendo ficar omissa com o que acontece com a população menos privilegiada. Precisa ser criativa e ousada para desencadear mudanças eficazes na sociedade. Nesse sentido a professora (04) argumenta: “A escola deve atuar no sentido de estimular o pensamento crítico e criativo do aluno para que ele passe do estado de apenas receptor, para agente transformador da aprendizagem”. Essa afirmação ressalta a idéia de que a escola pode ser entendida como uma instituição sócio-cultural, organizada e pautada por valores, concepções e expectativas, onde seus membros são vistos como sujeitos históricos, culturais que relacionam suas idéias acordando ou contrapondo-se aos demais.

Nessa perspectiva Soares (2002, p.54) afirma que a escola pode ser entendida:

Como um dos principais espaços de integração cultural do sujeito. Pois, é no espaço escolar que são estabelecidas várias relações entre indivíduos e sociedade. A maioria das competências dos indivíduos é reconhecida pelo sistema escolar. Contudo, o que os indivíduos devem a escola é, sobretudo um repertório de lugares-comuns, não apenas um discurso e uma linguagem comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns.

Diante dos discursos dos professores durante o período de estágio, compreendemos que para eles a prática do ensino da leitura é um momento privilegiado de desenvolvimento de habilidades e expectativas, que favorece o desenvolvimento de expressões de colaborações e de ações cooperativas, onde a aprendizagem é tida como um meio que beneficia a construção de significados a partir de várias interações entre o conhecimento construído na escola com os adquiridos com as experiências de mundo.

5. CONCLUSÕES

A partir dos resultados obtidos e analisados através desse estudo, podemos considerar que as professoras demonstram embasamento teórico sobre a leitura, compreendem que a leitura é um processo primordial que abrange o mundo e mostra caminhos para novas descobertas da realidade, garantindo ao indivíduo as condições apropriadas para viver dignamente, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania.

Percebemos através dos depoimentos emitidos nas reuniões de estágio que a leitura, é uma atividade essencial, atua em qualquer área do conhecimento. Ela está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende. Através do hábito de leitura, o homem pode tomar consciência das suas necessidades (auto educar-se), promovendo a sua transformação e a do mundo.

Vimos que os pais devem ter uma atuação permanente durante a infância, mostrando a seus filhos a importância e o poder da leitura, de modo que este desenvolva o hábito desde pequeno, para que não haja problemas futuros quanto ao ato de ler.

Compreendemos que o ambiente escolar, retrata o papel do professor como estimulador da leitura e próprio leitor. O professor, antes de tudo, deve ser um mero leitor, possuir o hábito e o gosto por leituras diversas, dotar de qualificação, pois como educador, precisa ler muito, gostar de ler e fazer com que os alunos leiam. É necessário uma maior dedicação da escola nessa tarefa, principalmente na fase inicial da criança, onde ocorre os primeiros contatos com o livro. Porque a partir desse momento passa a descobrir o mundo através das letras. O dever do professor é, além de incentivá-los a ler, estimular a decodificar a leitura, tornando-a mais lúdica e prazerosa.

Para um bom desenvolvimento das práticas de leitura é essencial enfocarmos no processo de ensino da leitura trabalhos interdisciplinares, objetivando vivenciar nas diversas áreas do conhecimento, subsídios que possam aflorar a expressão artística dos alunos, nas artes literárias (contos, poesia, dissertação, revista, cordel) no teatro,

na dança, na música, enfim que se incorpore a leitura no cotidiano escolar, valorizando suas produções culturais, fruto de uma pesquisa instigante, prazerosa.

É importante considerar a necessidade de capacitação contínua dos profissionais da educação, para que se mantenham atualizados, para que vivenciem e troquem experiências, para que descubram novas alternativas, novos saberes que venham repercutir diretamente no fazer pedagógico. O grande desafio a enfrentar é encontrar caminhos, é ousar, criar, fazer diferente para atender aos anseios e as necessidades da clientela que hoje no mundo globalizado em que vivemos necessite de buscas de novas informações e dos meios mais eficazes para a efetivação da leitura na sociedade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e navegar – espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001.

ALVES, G.F & LEAL, T. F. Análise de situações didáticas de leitura com crianças multirrepetentes [arquivo de dados legível por computador]. In: **Anais do 12º Congresso de Leitura do Brasil – Seminário Alfabetização e Letramento**. Campinas (SP): Associação de Leitura do Brasil, 2001.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: de leitor ao navegador**. São Paulo, Unesp, 1999.

DIAS, A. ensinando a gostar de ler. IN: CRUZ; Silva Helena Vieira & HOLANDA; Mônica Petrolanda (orgs). **Linguagem e educação da criança**. Fortaleza: editora UFC, 2001.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 10 ed. São Paulo: Autores Associados Cortez, 1985.

GOULART, Cecília M. A. A produção de textos escritos narrativos, descritivos e argumentativos na alfabetização: evidências do sujeito na/da linguagem In: ROCHA, G. e VAL, M.G. (orgs). **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito-autor**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Leitura em crise na escola**, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Trad. Ernani Rosa: Porto Alegre, Artmed, 2002.

LOPES, Ângela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. IN: KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 7 ed. Campinas: Pontes, 2000.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 7 ed. Campinas: Pontes, 2001.

KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2001

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Série Primeiros Passos).

PEREZ, Francisco Carvajal; GARCIA, Joaquim Ramos. **Alfabetização como meio de recriar a cultura**. Porto alegre, 2002.

RANGEL, Mary. **Dinâmica de leitura para sala de aula**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jerry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, Ezequiel T. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SILVA, Ezequiel T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1996.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 128 p.

SOLÉ, & Coll, C. Os professores e a concepção construtivista. In: COLL, C et al. **O construtivismo na sala de aula**. 6ª edição. São Paulo: Ática, 2001.

ZILBERMAN, Reina; SILVA, Ezequiel T. **Leitura – Perspectivas interdisciplinares**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1998.